

Oração do paraninfo da Turma de 1945

PROF ADHERBAL TOLOSA

*Magnifico Reitor da Universidade de S. Paulo,
Exmos. Snrs. Representantes das altas auto-
ridades e dos Institutos participantes da mesa.
Exmos. Snrs. Membros da colenda congregação
da Faculdade de Medicina de São Paulo.
Exmas. Snras. Meus Senhores:*

Por expontanea e muito honrosa deliberação dos alunos da turma que ora realiza o sonho de muitos anos de lutas, cabe-nos a delicada e agradável incumbencia de proferir aqui, como paraninfo as tradicionais palavras neste ano de mil novecentos e quarenta e cinco, marcado pelo destino que o fez o ano da grande vitória, e particularmente para nós brasileiros, o ano da redenção. Ano da vitória em que se viu extinto o mais horrendo incendio de almas que jamais registrou a História, epilogado, afortunadamente na sobrevivencia da causa sagrada do amôr e do respeito humano, ano da redenção em que, mercê do cultivo das mais nobres qualidades sufocadas mas não destruidas pelas erradas e deshumanas interpretações ideológicas, o nosso povo se prepara para reencetar sua marcha no sentido saudavel da democracia.

Ser compreendido pelos alunos na interpretação de nossos esforços no cumprimento de um dever qual o de bem ensinar a medicina constituiria para nós, já por si suficiente premio e plena satisfação. Porem si, mais que isso, recebemos, com a investidura do paraninfo, tão alta distinção, assumimos logicamente a obrigação de, através de pormenorizada auto-analise, indagar da justeza da situação fugindo assim aos perigos de um censuravel orgulho ou de uma vaidade injustificada. E assim poderemos através de conclusões bem estudadas, corresponder à honraria recebida, com o empenho de persistir naquilo que de acertado houver, e melhorar no muito que provavelmente haverá de erro ou de omissão.

Celebra-se neste recinto a solenidade de mais grata e difusa repercussão. Para a Faculdade que vê, na lúzida seleção que agora lança à luta científico-profissional, mais um brilhante resultado de

sua atividade, mais uma leva de seus filhos que orgulhosos de sua estirpe, bem alto elevarão o conceito da casa em que se fizeram. Embora, incidentemente, turras tenham surgido no convívio daqueles que devem estudar e dos que devem fazer estudos, embora passageiros desentendimentos tenham pontilhado sua trajetória pelos cursos é de se salientar a cordialidade e o sincero reconhecimento com que, aqueles que da Escola se apartam, fazem justiça a seus mestres. Mais uma turma se destaca da célula mater para as lides da vida prática, deixando comprovado mais uma vez o grau ascensional da mentalidade acadêmica a qual cada vez mais nos solicita e nos impele, a nós professores, a um correspondente esforço de evolução e aperfeiçoamento. Para o Hospital das Clínicas, esta realização feliz da complementação ideal de nosso ensino médico, Hospital que tende a colocar o ensino da Clínica ao nível elevado das Cadeiras Básicas da Faculdade, e que vê agora os efeitos que exercem suas instalações no apuro que apresentam os novos médicos, não é menor o significado desta cerimônia. Sua instalações recebem, em retribuição a influência da vida e movimento das turmas acadêmicas, qual força catalítica a fermentar idéias e renovações, cujo caráter quasi sempre extremado compensa, tendendo a um justo equilíbrio conservadorismo rotineiro que, comodamente se afeiçoa a esquemas inmutáveis, monotonos e indiferentes à pressão das forças evolutivas. Creado para estudantes, o Hospital das Clínicas, por esse mesmo motivo, adquire características próprias e interesses em que o ambiente, que a emulação agita, se transforma em clima ideal para o estudo e para o progresso.

Para a coletividade, que se ufana da escola padrão de Arnaldo Vieira de Carvalho que é a atual Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, significa a celebração desta noite que, com a habilitação apurada desta nova turma, notável quantitativa e principalmente qualitativamente, mais uma vez aquela oficina de estudos e trabalhos cumpre seu desiderato, reforçando poderosamente a legião dos profissionais da Saúde.

Para os doutorandos que representam a razão de ser mesma desta cerimônia, pareceria, à primeira vista que ela representa a última cena de sua movimentada carreira de estudante, conforme ainda ha poucos dias ouvimos nas suas ruidosas manifestações de júbilo, quando realizavam seu ultimo exame escrito que, por coincidência feliz foi justamente o de Clínica Neurológica. “Festejamos hoje o nosso ultimo exame,” era, com efeito a exclamação que a todo o momento se repetia por entre as ribambantes manifestações que, no dia 6 de novembro, realizaram ao redor da Faculdade. Entretanto, sem que com isso tencionemos diminuir-lhes o entusiasmo, é oportuno adverti-los que, para nós, estudantes ou médicos, isto é aspirantes ou

profissionais da medicina, nunca haverá praticamente um ultimo exame, pois mesmo deixando de parte as futuras provas de uma possivel carreira professoral, é mistér lembrar que o menor ato de nossa vida médica, quer na senda do magistério, quer na clínica hospitalar ou privada, constituirá, para nós, severissimo exame no qual, nós mesmos, como julgadores não seremos exatamente os menos rigorosos.

Para eles o acontecimento marca apenas a transição para uma fase de mais intensas lutas, apreensões e responsabilidades.

Entretanto, si todos esses significados, para a Faculdade, para o Hospital, para a Coletividade e para os doutorandos são claras e intuitivas, um outro ponto é preciso que esclareçamos, pois é o que justifica nossa presença nesta função. Aqui nos encontramos, cumulados pela confiança, compreensão e amizade dos doutorandos, a quem nos habituamos sempre a considerar, antes como jovens companheiros de estudo, do que propriamente como alunos e isto sem duvida resultou do entendimento pleno a que chegaram nossos espiritos, acordes desde o inicio, sobre a necessidade de uma sistematizada porem clara e objetiva excursão pelos meandros da neurologia. Foi na mais simples e cordial cooperação que chegamos a sintonizar os sentimentos de maneira a atingirmos o fim da jornada numa fase conturbada de um ano letivo evidentemente mal começado com apreciavel crédito concretizado nos conhecimentos adquiridos, armas promissoras para uma eficiente atividade clínica futura. E o mérito desse resultado repousa evidentemente, não apenas nessa cooperação nossa com os alunos, mas tambem na excelencia do corpo de auxiliares de ensino de que nos orgulhamos, constituída por unidades didaticas de primeira agua, porfiantes na tarefa de guias os jovens companheiros através do curso práctico da especialidade. Tão justa é esta referencia que aqui fazemos, que a propria turma não se tendo contentado em distinguir ao professor, houve por bem, ainda mais salientar seu juizo sobre os esforços da Cadeira, incluindo em seu brilhante quadro de homenagens, mais dois de nossos dedicados assistentes. Devo, portanto, aos esforços de meus auxiliares, em grande parte, a satisfação de ver nesta solenidade o destaque honroso que se deu à Cadeira de Clínica Neurológica.

Não devemos todavia olvidar os méritos intrinsecos da propria disciplina especializada que, lidando com os fatos que se desenrolam no âmbito do sistema nervoso, propicia, sem duvida, aos estudiosos, encantos indiscutíveis e panoramas inesperados. Entrando no estudo da Clínica Neurológica, vê-se o estudante as voltas com métodos de semiótica inteiramente nóvos e especiais, adequados às peculiaridades das funções em exame. Transforma-se. Transforma-se radicalmente a propedeutica nesse terreno, em que os transtornos sensitivos motores e tróficos que consubstanciam as afecções neurológicas, só se

exibem à custa do emprego paciente, criterioso e metuculoso de meios de investigação, na aparência simples, mas, na realidade, delicadas e muitas vezes ilusorios, a não ser longa pratica lhes tenha aferido a eficiência. Dai a impossibilidade do aluno aprender, por si, a prática semiótica cujo estudo de gabinete se torna absolutamente impraticavel e inutil. Surge então a necessidade de um guia experimentado, que, na pesquisa e avaliação objetivas dos fatos clinicos, possa orientar aos principiantes, traçando-lhes as normas interpretativas e reconhecendo e justificando as exceções que tantos tropeços trazem ao clinico. E não só as exceções, mas ainda os fatos contraditórios, em que tão ferteis são os doentes e perante os quais, quanto mais estudarmos, mais teremos que nos inclinar.

Justifica-se dessarte a orientação que empregamos por julga-la bôa no ensino da Clínica Neurológica, dedicando, por assim dizer, dois terços do exíguo tempo disposivel, exíguo pois a Cadeira é de semestre, ao ensino quasi individual da neuro-semiotecnica, cabendo o tempo restante às considerações sobre os grandes sindromos e para as molestias mais frequentes e mais acessiveis à terapeutica. Fica, dessa maneira, posta um tanto à margem a patologia nervosa sistemática para cujo estudo faz falta o tempo necessário. Não sendo a Cadeira de ano, como seria ideal e devendo sacrificar uma parte do ensino, não vacilamos em fazê-lo em relação à patologia cujo estudo pode ocupar, sem grandes prejuizos, uma fase posterior de aperfeiçoamento, dos interessados.

Ao mencionar a possibilidade de ensino da Neuriatria em prazo anual, poderíamos, como já o temos feito, defende-la conciente e desassombradamente, pois, sem que com isso pretendessemos desmerecer as demais especialidades, bastaria salientar o carater universal que reveste as funções de sistema nervoso, este aparelho que, integrando e presidindo as mais difundidas e elevadas funções, justifica verdadeiramente a essencia da existencia humana. Não ha recanto algum de nosso organismo ao qual não chegue o influxo nervoso, através dessa mirífica rêde condutora, cuja verdadeira e justa apreciação tem feito o desespero dos pesquisadores, morfologistas, fisiologistas, bioquimicos ou outras que sejam suas orientações básicas. Não ha certamente órgão ou tecido, por mais humilde que seja sua hierarquia ou por mais dramatica e decisiva intervenção que tenha nos fenomenos da vida, que não sofra contínua e diretamente os efeitos das alterações que se processam no aparelho nervoso. Este, não só jugula e controla os demais sistemas, como tambem, em virtude de uma assombrosa sistematização hierarquica, conforme as geniais concepções de Jackson, dirige e regula a atividade de suas proprias partes constituintes numa incessante soma de super e inter ações de ordem frenadora ou excito-dinamogênica.

Ora, sendo pacifica esta noção, porque admiração ao se pretender que os dominios que devem ser pesquisados pela neuiriatria e psiquiatria devem ser mais amplos que os de outras especialidades? Não póde, evidentemente, o neuiratra limitar-se à apreciação de duas ou tres moléstias incuraveis, degenerativas do sistema nervoso e poupar-se ao trabalho de avaliar, interpretar e procurar remediar os fenomenos que, nos varios departamentos da economia, se deflagram por culpa de defeitos do sistema nervoso. Se, desde o musculo cardiaco, órgão central da circulação e cujo funcionamento se identifica por assim dizer, com a vida, até a mais simples glandula de suor, entram frequentemente em disfunção em virtude de disturbios nervosos, si os mais variados sofrimentos somáticos, podem reconhecer como determinantes, alterações puramente neuropsiquicas, a tal ponto que hoje se expande cada vez mais o territorio da medicina psiconeuro-somática, como exigir que um neuiratra ignore o que se póde passar em todo o organismo, e, vice-versa, como admitir-se que um clínico, seja geral, seja especializado, ignore, pelo menos, as noções básicas que explicam o preponderante papel do sistema nervoso e de seus disturbios.

Nada mais é preciso, para documentar a necessidade, que têm, sem exceção, todos os clínicos, de conhecer algo sobre a neuropsiquiatria e sua entrosagem com os restantes dominios da medicina. Isso demonstra que a exigência e o rigor que procuramos incutir no ensino de neurologia, fundamentam-se na noção que temos, de uma maneira sincera, da plena necessidade desses conhecimentos, não só como complemento indispensavel de qualquer cultura médica como tambem necessária a qualquer ação de eficiência clinica prática.

Entretanto, a complexidade do estudo de suas bases anatomo-fisiológicas, aliada a uma falsa idéia sobre suas possibilidades terapeuticas, tem concorrido para que se considere a neuiriatria como uma especie de estudo de elevadissima categoria, de indisivel beleza e deleite para o espirito, mas pouco produtiva na prática e portanto digna de ser posta à margem, como bela mas inoperante. E nesse grosseiro engano grandes vultos têm incidido revelando assim, de maneira lamentavel, um estacionamento da sua evolução cultural, pois indiferentes aos progressos conseguidos estratificaram seus conhecimentos na fase da medicina anatomica que caracterizou o alvorecer da neurologia. Os progressos realizados no campo da Psiquiatria e, com mais particular interesse para nós, no momento, no da Neuiriatria, quer em relação com o reconhecimento precoce dos sofrimentos nervosos, regionais ou gerais, quer na concepção de mecanismos neuro-funcionais prenunciadores de ações terapeuticas medicamentosas ou cirurgicas cada vez mais scientificas e arrojadas, estão a nos revelar que, em bem poucos setores da medicina tanto se tem alcançado. Os melhoramentos do exame clínico neurológico a sua metódica sistematização, o

aperfeiçoamento das provas para clínicas radiológicas ou eletro-neuromiografias como os processos eletro-encefalográficas, eletro-miográficas, e eletro-dermatométricas, os estudos bioquímicos sobre o influxo nervoso, sobre o funcionamento das sinapses e das junções mioneurais, os avanços contínuos nos domínios extrapiramidais que nos aceitam com a possível próxima interpretação exata dos fenomenos pitiatícos são, entre outros, fatos que se destacam, ainda mesmo em uma época ofuscada pelas fulgurancias das sulfas e da penicilina.

E' preciso não confundir a neurologia, ciencia que estuda os nervos "senso lato" isto é o sistema nervoso, com a neuriatria especialidade que cuida dos disturbios desse mesmo sistema. A primeira é tão velha quanto a medicina ao passo que a ultima é nova, por assim dizer de ontem. Em um trabalho sobre a História da Neurologia de Israel Wechsler, vemos bem clara a referênciã que, embora muitos conhecimentos neurológicos se devam a vultos da segunda metade do século XIX, estes foram, na verdade devidos professores ou práticos da medicina geral. Não é muito remoto o advento do primeiro professor de Neurologia Clínica, o grande Westphal, da Prussia. Si como ciência ou disciplina a neurologia vê suas raizes remotas mergulhadas no tempo em que uma única divisão se justificava, medicina de um lado e cirurgia de outro, como especialidade a neuriatria propriamente dita, é notavelmente jovem, esgalhando-se ha pouco tempo da medicina interna e da psiquiatria. Mas, em menos que duas gerações, esta especialização tanto se desenvolveu e a tão elevado grau de aperfeiçoamento atingiu, que, no dizer daquele autor, Wechsler, um avultado catalogo seria necessário para uma simples enumeração de suas conquistas. Ainda mais, por grande que tenha sido a opulencia de suas contribuições, a Neurologia apenas começa a prodigalizar suas luzes sobre a atividade humana e, promete retribuir abundantemente, tanto para a Medicina interna como a psiquiatria, sua generosa tutela inicial. Assim, à medida que se desenvolvem as aquisições neurológicas vão-se preenchendo as lacunas que artificialmente nos sugeriam separações entre ela e a medicina e a psiquiatria. Neste devassar incessante de novas estruturas, extrapiramidais, corticais, diencefalicas ou vegetativas vae a neurologia estabelecendo, ou antes, restabelecendo a unidade da medicina clínica, cuja fragmentação apenas se justifica pelos interminaveis aperfeiçoamentos dos processos tecnicos os quais, para serem efficientes e lógicos devem sempre fundamentar-se na unidade indissolúvel que caracteriza os fenomenos estudados pela medicina.

De todas estas considerações resalta, em nossa opinião, a razão porque nunca será util, no ensino médico, a orientação já antes experimentada sem sucesso, da especialização precoce dos jovens estudantes. Assim sempre haveremos de nos opôr à faculdade de escolha, pelos,

alunos, de duas ou mais especializações, em detrimento das demais. Si uma das preteridas fôr a neurologia ou a psiquiatria, não vemos como completar a cultura mínima indispensável em um médico, qualqueer que seja o rumo especializado que venha a abraçar. E' bem de ver, que não é nosso pensamento, pleitear com isto, a obrigatoriedade do ensino aprofundado e aprimorado de uma especialidade com a neurologia, mas apenas desvendar-lhe os grandes traços e as peculiares inter-relações que a ligam às demais. Seria isso desvirtuarmos o nosso ensino formando, não médicos especialistas, mas apenas técnicos especialistas cujo campo de visão não iria além dos limites estreitos de um aparelho ou órgão. Submeter-se "ab initio" um paciente ao exame de clínicos dessa formação, seria o mesmo que esperar valiosas conclusões de um analista que apressadamente submete seu preparado ao microscópio, empregando logo inicialmente a lente de máximo aumento, ao invés de antes orientar-se, numa visão de conjunto, de maior campo de inspecção. Dessa maneira, tal pesquisador iria focalizar fenômenos essencialmente localizados aos quais nunca ele conseguiria situar em um quadro geral.

E si tanto não bastasse lembremo-nos, que, quanto mais técnicos e menos médicos forem os especialistas maior o perigo do desnaturamento da finalidade médica prática, com relegamento para segundo plano, do ser humano ao que se superporá a noção do material objetivo, simples campo de estudo e de pesquisa.

Guardemo-nos desses resultados intensificando o cultivo da medicina em geral como ponto de partida lógico e proveitoso para uma possível e ulterior especialização.

De tais perspectivas fogem felizmente os jovens colegas que da nossa Faculdade se projetam para o meio médico nacional, pois testemunha insuspeita e autorizada, aqui estamos para afirmar o quanto de carinho e atenção dedicaram às várias especialidades entre as quais possamos destacar a nossa Clínica Neurológica.

Meus alunos e amigos da turma de 1945: Durante apreciável lapso de tempo que tive oportunidade de falar-vos na qualidade de professor de uma cadeira de clínica, obrigado pela premência de tempo letivo a focalizar apenas noção de caráter científico, essenciais para a especialidade e orientar-vos na tarefa do reconhecimento e tratamento das moléstias neurológicas. Nenhuma fração de tempo sobrou para que vos pudesse falar como amigo e profissional mais velho, no sentido de esclarecer-vos pontos que infelizmente, grande confusão costumam formar no espírito dos jovens médicos. Aproveito agora a esplendida oportunidade que me destes para vos entreter uma última vez, antes da esperançosa e movimentada dispersão que, após esta festa, demobilizará vossa turma, para a qual, daqui por diante, o único traço comum será, sem dúvida, o respeito às tradições de nossa escola, baseado

no cultivo carinhoso das qualidades que lá se ensinam. Poderei então referir-vos alguns dos muitos pensamentos que nos assaltam a mente, sempre que nos dedicamos a bosquejar e balizar o fio diretor de nossa conduta. Atravessais de um só golpe, a linha divisória que a lei interpõe entre o doutorando e o médico. Passais subitamente de posição de sextanistas para a situação de médicos novos, de profissionais recém-formados. Com isto, paradoxalmente algum abalo sofrerá o conceito em que sois tidos, pois, si antes ereis os estudiosos que terminavam o curso e que tudo deviam saber, agora sois simples médicos novos, e, portanto, no pensar de muitos, carecedores de prática e decisão. Das culminancias da posição de ultimanistas, respeitados e invejados pelos colegas, passais para a de médicos que iniciam a vida, de jovens que se lançam no tumultuoso redemoinho da emulação profissional. E' mister, digo-vos agora, não sucumbir, declarando-vos previamente derrotados no limiar do entrechoque, como também não permitir vos empolgue a fátua certeza de uma trajetória futura, facil e vitoriosa. E' mister robustecer o espirito num equilibrio ideal de auto-avaliação, desenvolver a confiança em vós mesmo e nas armas que a Escola vos confiou, e encetar a marcha para a frente, não como quem procura colher agora os frutos dos esforços despendidos, mas como quem não ignora que o fruto desses esforços é, justamente, o direito glorioso de novas lutas e novas conquistas, na perseguição de um ideal. E nesta perseguição, quantas maguas e quantas encertezas virão a vosso encontro, a pôr, sempre, cada vez mais à prova, a tempera com que vos reforçastes intelectual e moralmente no periodo pré-profissional. Quanto de intuição psicológica devereis usar para suprir as falhas que a pletóra de disciplinas, no verdadeiro "full time" de aulas que caracteriza o regime de nossa Escola, vos impediu de sanar. Aprendestes muito sob o ponto de vista médico-científico, mas não tivestes tempo para a humanização de tais conhecimentos, no convivio com doentes das consultas, isto é na prática dos ambulatórios ou mesmo da clínica domiciliar, onde o ambiente, carregado de afetividade, tanto inflúe sobre a ação do médico. E nem isso mesmo seria possível, digamo-lo francamente, ainda que o tempo o permitisse, pois, essa humanização da medicina isto é, esta transição da medicina ciência para a medicina arte, só mais tarde, através da necessária esperiência, baseada em longa série de sucessos e desenganos, estará ao vosso alcance. Evidenciar-se-á então para vós, o que de individual puzestes em vossa atividade, embora possuidores de uma mesma base inicial fundamentada nos mesmo alicerces que a Escola vos proporcionou. Só então podereis compreender de maneira clara e confortante as vantagens de um equilibrio ideal em vossa orientação, equilibrio que, impedindo-vos de abandonar a

orientação científica que certamente sempre tereis nos estudos e pesquisas, não vos impedirá, entretanto, de reconhecer, no doente, o ser que sofre e que implora, quando não a cura, pelo menos uma palavra de compreensão, carinho e conforto, daquele que para si resume todas as esperanças na terra.

Sereis cientistas mas sereis também clínicos, meus jovens amigos, usando simultaneamente o cérebro e o coração, e, certamente, nesta repartição entre a ciência e a arte de aliviar o sofrimento humano, conseguireis dosar sabiamente uma e outra, de acordo com o imperativo das circunstâncias. Como resultante, o confortador efeito de satisfizes à vossa ancia de sabedoria e, ao mesmo tempo, aos impulsos do coração, constituirá, para muitos de vós às vezes, o maior e o mesmo único prêmio, que vos concederá a nobre e espinhosa carreira que abraçastes. Nela vivereis, a par de momentos de indescritível júbilo, fâses de tristeza e desilusão, predominando infelizmente quasi sempre estas sobre aqueles.

Sentireis conseqüentemente a necessidade de uma exata apreciação sobre as possibilidades de medicina e sobre suas inexoráveis limitações. Só com isso podereis encontrar plena ou relativa satisfação nas oportunidades em que realmente tiverdes atuando decisivamente para solução de um problema médico. E' preciso que vos lembreis que não se pode exigir da medicina como ciência, mais do que aquilo que ela pode dar. Mas é preciso também saber e certamente vós o sabeis, que a mesma ciência, utilizada com mais arte e com mais alma, pode dar resultados mais eficientes, conforme a experiência e a cordialidade que norteiem sua aplicação. Não esqueceréis ainda que não é só intervindo decisiva e positivamente no envolver de um processo patológico, que se revela a sabedoria e a eficiência de um médico clínico. Há os casos que poderemos chamar de negativos, em que, após selecionamento apurado dos dados e das circunstâncias, abstem-se acertadamente o médico de efetivar ou aconselhar medidas, que seriam inúteis ou prejudiciais ao doente. Com isso expande-se proveitosamente o campo de eficiência do médico que, mesmo quando não póde curar, cuida de não prejudicar, procurando sempre aliviar física e moralmente os seus pacientes preenchendo assim em toda sua significação, o "Divinum opus est sedare dolorem"

Há entretanto outra face da atividade médica para a qual quero chamar-vos a atenção, pois quando descurada anula e inutiliza irremediavelmente a mais sólida reputação medico-científica. Atentemos, com efeito, para um outro aspecto, uma outra dimensão pela qual sereis rigorosamente observados, não sómente pelos que vos cercam, mas, especialmente por vós mesmos. E' a fase propriamente moral da profissão, aquela que nos torna dignos de respeito de nossos semelhantes e dignos de nós mesmos. Não basta acumular e desenvolver te-

souros de sabedoria e não basta aperfeiçoar ou criar meios ou processos de investigação ou terapeutica ou fazer alarde de cultura excepcional, si isto tudo não se revestir das sadias normas dos principios éticos. Não se pode é verdade, com propriedade, descrever uma ética médica, fundamentalmente diversa das que regulam e elevam as demais atividades humanas. Ela não é mais que uma aplicação particular daquilo que possuímos por intuição primitiva ou por assimilação do que observamos e criticamos. Assim, não será certamente um fiel seguidor da ética na medicina aquele que não o fôr, de maneira natural, em todas as parcelas, por variadas que sejam, de sua atividade rotineira. Entretanto, é na medicina que o profissional mais se escraviza às exigências dessa diretriz, pois, em contato com o sofrimento físico e moral de seus paciente, tem o médico oportunidades particularísimas de pôr à prova a firmeza de sua estrutura moral e a solidez dos principios com que espontanea ou educacionalmente orienta sua conduta. Em virtude de evolução célere peculiar à medicina, não só na mutação constante de suas bases teóricas, meios semióticos e normas terapeuticas, como principalmente nas características que revestem o ambiente em que ela se exerce e nas relações entre médicos e clientes, observa-se marcada tendência para uma verdadeira erosão dos primitivos principios éticos. Tal erosão nas normas de conduta profissional, afrouxaria o rigor que hoje, mais do que nunca se faz necessario no exercicio de nossa profissão. Contra ela deveis sempre lutar com alma e convicção, timbrando, mesmo com risco de exagero, em incentivar, desenvolver e propagar o cultivo carinhoso, intencionado do padrão ético em todas as vossas ações. Si é admissível que algo se possa modificar no aspecto propriamente formal das relações entre médicos e pacientes ou entre médicos e seus colegas, devemos ter em mente que existe a questão assencialmente moral, que é intangível, por permanecer sempre a mesma, soberana e inabalável, onde quer que estejamos ou em qualquer época em que vivamos.

Com esse empenho no amôr à ética, tereis sempre, em qualquer caso, qualquer que seja o resultado de vossas ações, a serena satisfação que nunca vos poderá ser roubada, de terdes praticado a medicina no que ela encerra de mais nobre, mostrando-vos perfeitamente à altura de depositários da saúde do corpo e do espirito de vossos semelhantes. Dessa maneira tereis cumprido o juramento que hoje aqui fizestes, e tereis mostrado alcançar perfeitamente a finalidade de medicina, não vos deixando desorientar pelas negras e deturpadas atividades que, em uma época anormal de loucura coletiva, têm manchado nossa sagrada profissão. Esquecereis assim as contribuições nefastas da falsa medicina dos campos de concentração, esqueceréis as deturpações da verdadeira arte médica, que vos obrigam, infelizmente,

a seleccionar valores de saúde para envia-las ao morticínio, esqueceis enfim episodios de tão triste repercussão como o daquele colaboracionista gaulez, salvo da morte pela medicina, intencionalmente, para ser entregue na manhã seguinte ao pelotão de fuzilamento.

Todas essas anomalias, caros e jovens amigos, que vos confundem o espirito e vos abalam a confiança em vós mesmos e na coerência de vossos esforços, são a mais completa anti-tese de que deva ser, realmente, a ação de médicos, do que deva ser a finalidade daquilo que nos legou Hipócrates.

Avaliai portanto, de modo mais justo a vossa vocação e as vossas possibilidades; não procureis na vossa ação aquilo que a medicina não póde dar; sabeis abster-vos sempre que o contrario prejudicar o doente, confortai sempre, na cura ou no desengano; purificai vossas ações na prática do bem e nos ditames da moral; não vos deixeis empolgar, pelas menos gloriosas e paradoxais atividades de uma medicina transviada; sede cultos, honestos, lógicos, justos, bons e dedicados e com isso tereis, sem duvida, confirmada a expectativa de vossos mestres e a de todos que aqui, emocionados, testemunharam o vosso juramento.

DEXTROSOL

(GLUCOSE — D)

●

QUANDO NÃO FÔR POSSÍVEL INJE-
TAR O SÔRO GLYCOSADO, DEXTRO-
SOL IMPÕE-SE COMO SUBSTITUTO
POR VIA BUCAL

●



REFINAÇÕES DE MILHO, BRASIL S. A.
SÃO PAULO
Caixa Postal, 151-B

REFINAÇÕES DE MILHO, BRASIL S. A.
RIO DE JANEIRO
Caixa Postal, 3421